

RECONSTRUINDO BAKHTIN

Elizabeth Moreira¹

REBUILDING BAKHTIN

RECONSTRUYENDO BHAKTIN

RESUMO:

Ensaio em que se entrelaçam contribuições teóricas de Mikhail Bakhtin, como foram destacadas por Cristovão Tezza (2003) em sua tese de doutorado “**Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo**”, e um discurso rememorativo da trajetória pessoal da autora, dialogando com outras referências, destacando a inconclusibilidade da obra bakhtiniana e o caráter responsivo do papel dialógico da linguagem, seja prosa ou poesia.

Palavras-chave: Polifonia; Linguagem; Bakhtin.

ABSTRACT:

An essay in which Mikhail Bakhtin’s theoretical contributions are intertwined, as highlighted by Cristovão Tezza (2003) in his doctoral thesis “Between prose and poetry: Bakhtin and Russian formalism”, and a discourse reminiscent of the author’s personal trajectory, dialoguing with other references, highlighting the inconclusiveness of the Bakhtinian work and the responsive character of the dialogical role of language, whether prose or poetry.

Keywords: Polyphony; Language; Bakhtin

¹ Elisabeth Moreira é escritora, mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (UPS), professora aposentada da Universidade de Pernambuco (UPE) e do IF Sertão, de Petrolina, PE. É autora do *blog*: <http://betcomtmudo.blogspot.com>.
Email: elisabetmoreira2014@gmail.com

RESUMEN:

Un ensayo en el que se entrelazan los aportes teóricos de Mikhail Bakhtin, como destaca Cristovão Tezza (2003) en su tesis doctoral “Entre la prosa y la poesía: Bakhtin y el formalismo ruso”, y un discurso que recuerda la trayectoria personal del autor, dialogando con otros referentes, destacando la inconclusividad de la obra de Bajtin y el carácter receptivo del papel dialógico del lenguaje, ya sea en prosa o en poesía.

Palabras clave: Polifonía; Idioma; Bakhtin.

Apresentação

Na década de 1970, no Mestrado de Teoria da Literatura e Literatura Comparada, na Universidade de São Paulo (USP), sendo aluna de Boris Schnaiderman (1917-2016) ouvi falar em Mikhail Bakhtin pela vez primeira. Nada havia em português ainda e adquiri o livro *La Poétique de Dostoievski* (1970), talvez a obra mais conhecida e divulgada de Bakhtin, mais tarde traduzida para o português diretamente do russo por Paulo Bezerra (1981), com o nome *Problemas da poética de Dostoiévski*. Muitas discussões avançaram, mas dominava o foco sobre o formalismo russo, teorias sobre linguagem e poética.

Nas décadas seguintes, continuei a investigar os estudos no campo da linguagem e pude acompanhar outras vertentes e muitos nomes associados nesses estudos e teorias do discurso, como Roman Jakobson, Vigótski, Iúri Lotman entre outros. Sobretudo agora, na leitura da tese de Cristóvão Tezza (2003), “Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo”, por indicação da professora da Universidade de São Paulo (USP), Elena Vássina, para uma apresentação de seminário virtual na disciplina “Análise da Poética, Dialogismo, Releituras e Traduções Intersemióticas”, no Departamento de Letras Modernas, da USP, onde fui aceita como “aluna especial” no primeiro semestre de 2021, já aposentada da carreira acadêmica e longe da grande São Paulo.

Apresentei o seminário através de um “power point” bem simplificado, até pela limitação de tempo e estrutura. Resolvi então escrever este texto, com características de um ensaio, como registro da retomada dos meus estudos. Acredito que possa dialogar também com os leitores e apreciadores das obras de Bakhtin, sempre um dever.

A partir dos enfoques gerais sobre a obra de Mikhail Bakhtin e o formalismo russo, habilmente sintetizados por Cristovão Tezza, fui verificando que seria preciso ir a outras fontes e formalizar certas referências. Justamente aquelas que me conduziram ao papel construtivo da contribuição filosófica e crítica de Bakhtin, além de uma desconstrução analítica fragmentada que, muitas vezes, acabou por banalizar conceitos fundamentais por ele postulados.

Cristovão Tezza (1952-) é um escritor consagrado na literatura brasileira contemporânea, com uma vasta obra em diversos gêneros, além de ensaísta e professor, tendo trabalhado no Departamento de Linguística da Universidade Federal do Paraná. Referências abonadoras sem dúvidas para quem se debruçou sobre a obra de M. Bakhtin em sua tese de doutorado.

Na disciplina cursada houve também andaimes paralelos, como a Semiótica, intermediando olhares e construções em desafios. Daí, já lembrar que a moderna Semiótica muito deve aos estudos dos formalistas russos, apesar de suas contradições. Boris Schnaiderman (1970) analisa como isso se deu historicamente e nos mostra como se aproxima da obra de Bakhtin, num prefácio bastante esclarecedor para um livro hoje até icônico que é o *Teoria da Literatura – formalistas russos*.

Aliás, para se falar de Mikhail Bakhtin, há que se ter em mente sua multiplicidade e inacabamento. Nesse caminhar construtivo, associei referências de análises feitas sobre obras de autores brasileiros e, em especial, sobre a poética de Murilo Mendes, sem dúvidas, um autor também múltiplo. Essas contribuições derivam de obras escritas em estudos desenvolvidos no mestrado com a tese **Murilo Mendes: uma representação operacionalizada** (1982); texto em parceria com Boris Schnaiderman (1976) e entrevista recente de Geraldo Souza (2016).

Em síntese, minha responsividade nesta apresentação é se propor a dialogar com o texto de Tezza que, por sua vez, dialoga com o texto de Bakhtin.

Desafios em caminhos múltiplos

Figura 1: Mikhail Bakhtin (1895-1975)



Fonte: Litogravura de Yuri Seliverstov (s/d)

Este desenho/gravura/caricatura é bastante singular e me pareceu bem significativo. Mikhail Bakhtin, identificado na parte inferior, com seu nome escrito em russo, não deixa dúvidas de quem se trata.

Há uma cabeça em suspenso, um espaço vazio vertical e uma mão que segura um cigarro aceso, cuja fumaça sobe espiralada até o rosto. O que nos indicam esses sinais de fumaça?

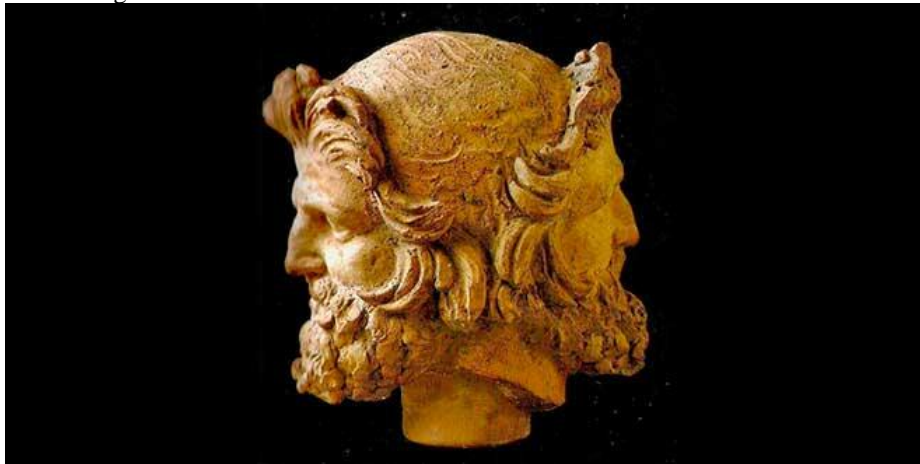
A expressão macilenta do rosto e da mão traduz um Bakhtin envelhecido, inquiridor. Esses olhos bem abertos parecem indagar de nossa leitura: o que represento? Sou só um autor? E você, e os outros? Há um suspense na representação, sem dúvida. Decapitamos o autor e se não (re)conhecemos sua extensa obra, ou até mesmo os percalços de sua vida, de sua doença crônica, da perseguição política a que foi submetido no contexto do regime soviético onde não havia pluralidade de pensamento, não poderemos entender sua obra e até mesmo suas contradições. Aliás, Tezza (2003) nomeou o Capítulo I de seu livro como Mikhail Bakhtin: *A difícil unidade*.

Quem é da área, certamente conhece - e ouviu falar - em dialogismo, polifonia, carnavalização... Rótulos e conceitos que se associam de imediato a Bakhtin. Pois bem, Cristovão Tezza vai discutir essa compreensão também numa visão renovada, inconclusiva, tanto que a denominou apropriadamente de “A hipótese de Bakhtin” (Capítulo IV) já nos finalmente de sua tese de doutorado, defendida na USP, em 2002. E é sobre esta parte a que me deterei mais especificamente, dialogando e até me reportando a outras vozes em consonância.

Na parte 5 com o título “Dialogismo e polifonia: a questão técnica e a questão ética”, Tezza (2003) coloca uma citação do próprio Bakhtin que considero fundamental: “Um ato de nossa atividade, de nossa real experiência, é como um *Jano bifronte*. Ele olha em

duas direções opostas: ele olha para a unidade objetiva de um domínio da cultura e para a unicidade irrepetível da vida realmente vivida e experimentada.” (BAKHTIN, 1992, apud TEZZA, p. 219)

Figura 2: Jano bifronte



Fonte: pesquisa Google

O Jano bifronte é outro índice semiótico inicial que me chama também a atenção na leitura do significado de um duplo olhar. A lição de Bakhtin é clara: não se pode desconsiderar o sujeito concreto, a unicidade do ato, pois toda abstração teórica, ao “entrar na vida”, torna-se parte integrante e inseparável do ser-evento. Assim, um ato deve adquirir um plano unitário singular para ser capaz de refletir-se em ambas as direções, tanto no seu sentido e em seu ser, dupla responsabilidade.

É relevante lembrar que o ensaio de Bakhtin “Para uma filosofia do ato” é da década de 1920 e marca o posicionamento de toda sua obra, mesmo que só tenha sido conhecido e divulgado na década de 1980. Em português, editado somente em 2017 (São Carlos: Pedro & João Editores) este livro recebeu o nome “Para uma filosofia do ato responsável”, a partir da edição italiana de 2009. Na introdução, justifica-se esse acréscimo como expressão recorrente no texto de Bakhtin, além de indicar um conceito central, pois responsável se configura também no sentido de “responsivo”, ou seja, de uma “compreensão responsiva que salienta a conexão entre compreensão e escuta, escuta que fala, que responde, mesmo que não imediata e diretamente; por meio da compreensão e ‘pensamento participante’ *ucastnoe myslenie*, ‘pensamento participante” (BAKHTIN, 2017, p. 11).

Sempre questionador e dialógico, Bakhtin nos legou uma compreensão muito mais abrangente da obra literária ao fundamentar o conceito de polifonia. Ilustrador é o vídeo *La polifonia medieval*, acessível no canal do Youtube², de poucos minutos. Em espanhol, mas muito didático, mostra a origem ocidental e religiosa da música polifônica, na Idade Média. Minha intenção é aclarar a metáfora usada por Bakhtin.

Figura 3: Imagem do vídeo



Fonte: Youtube

Ao ver/ouvir atentamente o vídeo, observa-se a quebra da monofonia, incorporando outras vozes ao canto gregoriano e até canções profanas. A esse resultado polifônico, associa-se também uma visão dessacralizada do solene, “carnavalesca”, de um mundo às avessas, que Bakhtin vai demonstrar especificamente em seus estudos sobre a obra medieval de François Rabelais (BAKHTIN, 1993).

Um parêntese: quando li os livros *Gargântua e Pantagruel*, de François Rabelais (1494-1553), era a típica adolescente que “devorava” livros e, realmente, fiquei estupefata; como, essa “esculhambação” era literatura, mas me diverti muito. E, bem mais tarde, estudei o reconhecimento histórico e crítico desse riso... Realmente, esses livros são uma sátira à condição humana, particularmente crítico à hipocrisia das convenções sociais.

Compreender Rabelais exige do seu leitor uma mudança da maioria das concepções artísticas sacralizadas no cânone universal da literatura, de seu caráter majestoso, solene, cultivado como saber culto e domínio de uma classe social letrada.

² Video está disponível no canal https://www.youtube.com/watch?v=Ogf9tZcnN_8. Acesso em 25 de jun. 2021.

Inclusive é preciso usufruir da literatura cômica popular, da inversão paródica dos papéis sociais, do riso grotesco que na cultura dominante é execrada.

Figura 4: Gargantua



Fonte: Ilustração do genial Gustave Doré (1832-1883)

A respeito de seus trabalhos sobre Rabelais, disse Bakhtin:

“Nosso estudo, essencialmente histórico-literário, está ao mesmo tempo estreitamente ligado aos problemas da poética através da história (...) Essa forma historicamente determinada do riso opõe-se não ao sério de uma maneira geral, mas a uma forma historicamente determinada do sério dogmático e unilateral predominante na Idade Média.” (1993, p. 103).

Por isso, Bakhtin insiste em demonstrar o “ato cômico de praça pública, um jogo carnavalesco da multidão na praça pública” (BAKHTIN, 1993, p.166/7).

A polifonia é uma visão de mundo

Minucioso, Bakhtin demonstra como tudo se integra e dialoga em várias instâncias, discursos, análises e posturas ideológicas. Daí que o axiomático conceito de polifonia, como pluralidade de vozes e de consciências independentes e distintas, seja o traço fundamental analisado e demonstrado agora nos romances de F.M. Dostoiévski.

Nas palavras do escritor e crítico [Cristóvão Tezza \(2003\)](#), "a polifonia é mais uma visão de mundo do que uma categoria técnica". Extrapolando para o contexto soviético e estalinista, no percurso de Bakhtin, um mundo plural impossível. E foi na literatura, na

obra de Dostoiévski, que Bakhtin encontrou a perfeita ilustração de seu projeto filosófico, o romance polifônico.

Cristovão Tezza destaca esta postulação de Bakhtin como um novo modo de ver o mundo, talvez mais democrático: “Devemos renunciar aos nossos hábitos monológicos (...) de modo que possamos nos orientar nesse incomparavelmente mais complexo *modelo artístico do mundo* que ele criou.” (2003, p. 229) Sem dúvidas, mais complexo e motivador para muitas abordagens, não só da estética, e complementa a citação: “Para Bakhtin, Dostoiévski *abriu a fenda do potencial dialógico da linguagem*. Para compreendê-lo, é preciso pensar a linguagem em um novo plano, um plano essencialmente dialógico.” (TEZZA, p. 229/230).

Pensemos em quanta leitura e aplicação destes “conceitos” não foram feitos, exemplos que se encaixavam perfeitamente em nossa literatura brasileira, como foi o caso de Macunaíma, “companheiro de Rabelais”. O próprio Dostoiévski em sua vasta obra, serve perfeitamente para demonstrar as vozes em pluralidade, consciências em diálogos e contrastes. E, sobretudo, o fato de que o romance, a prosa, acaba por ser a referência fundamental.

Se Bakhtin (1970), em *Problemas da poética de Dostoiévski*, apresenta Tolstói como exemplo de escritor monológico em contraponto com Dostoiévski dialógico/polifônico, essa concepção acaba sendo revista no desenrolar de sua obra e dos conceitos assimilados no estudo da estrutura romanesca. Mesmo como narrador onisciente, na obra de Tolstói não há um ponto de vista único. Na Rússia, onde se passam cenários e personagens, há marcadores polifônicos, culturais, cuja inconclusividade é sugerida sob vários aspectos, inclusive do uso do discurso indireto livre. Aliás, as obras primas da literatura, da arte, estão sendo sempre revisitadas, rediscutidas, reavaliadas. Assim como teóricos e críticos...

Vou retomar uma citação de Boris Schnaiderman (1917-2016) bastante significativa para a continuidade deste compreender no que pode ser compreensível.

“Bakhtin é múltiplo, ... é contraditório, riquíssimo, variado.
Tem que ser assimilado dentro dessa riqueza toda.
É nele que existe a polifonia, o dialogismo.
Sempre há um Bakhtin dialogando com outro Bakhtin”
(SHNAIDERMAN apud SOUZA, 2016, p. 242).”

É fundamental a sistematização e reiteração do ideário bakhtiniano que Cristovão Tezza faz em sua tese, pois a linguagem, considerada em sua dimensão de uso concreto, é dialógica em todos os seus estratos. “No plano estritamente individual, a palavra *nasce* já sob a sombra de múltiplas relações; ela é, antes de tudo, uma *resposta* a uma palavra anterior; e ela se dirige a alguém, a um *centro de valor*, diante do qual ela se posiciona.” (TEZZA, 2003 p. 237)

Múltiplas vozes e consciências que não estão submetidas à visão do eu-autor, mas do eu-criador. Não dá para simplificar conceitos, é preciso vivenciá-los na obra artística, como realização estética.

E a Poesia? Resposta em andamento...

Tezza (2003, p.240) marca: “No caso da distinção entre a prosa e a poesia, Bakhtin coloca a discussão num terreno absolutamente novo, na sua origem e não no fim do caminho, isto é, nas formas históricas de que o discurso poético se reveste.” Para Bakhtin, mais do que uma questão formal, a linguagem poética é um **evento**, e ele não considera ser monológica como defeito, mas onde a *autoridade poética* pode se instaurar, sem se perder na descentralização ou no dialogismo prosaico.

Reforça ainda Tezza: “Uma investigação do discurso sob o ponto de vista de sua relação com o discurso de outrem” – eis onde reside o centro da discussão bakhtiniana. Dada a natureza dialógica, **plurilíngue**, da linguagem, em todas as suas manifestações, uma estilística e uma teoria literária devem partir deste ponto para chegar a alguma classificação formal ou definição de gêneros.” (TEZZA, 2003. p. 240) E é aí também onde diverge substancialmente do ideário de raiz formalista, por sua realidade plurilíngue. Reconhecemos que isso não é fácil, mas vamos recolhendo pistas e reflexões. Nem esse trabalho tem a pretensão de esgotar o assunto ou a visão de Cristovão Tezza.

Interessante observar que ele utiliza exemplos de Manuel Bandeira e Drummond para evidenciar a relação prosa/poesia enquanto discurso múltiplo. Refere-se à questão poética desse nosso século, de uma generalizada “crise”. “A poesia brasileira, pela inegável vitalidade de seu prosaísmo, um prosaísmo por assim dizer histórico, parece um campo exemplar dessa crise, que deve ser menos lamentada e mais compreendida.” (2003, p.288)

Quase de imediato projetei um paralelo com a obra do poeta Murilo Mendes, objeto da minha dissertação de mestrado, na relação prosa/poesia. A extensa obra de Murilo Mendes (1901-1975) tem exemplos do quão polifônica e criativa pode ser a linguagem poética. Ele é perito na criação de um espaço textual múltiplo; dialoga com gente, textos, linguagens, referências as mais diversas, cidadão do mundo que ele assumiu em sua trajetória de vida. Inclusive meu orientador, Boris Schnaiderman e eu, somos autores de um texto/resenha de *Retratos Relâmpago* de Murilo Mendes, publicado em 1976. (SHNAIDERMAN; MOREIRA, 1976; MOREIRA, 1982)

Um pequeno exemplo para nos remeter à paródia infinita do texto literário, no seu sentido também crítico, ao ler o mundo como gênese criativa em derivação e procedimento, apontado à página 67, de minha dissertação de mestrado.

“Tudo é fábula da fábula
Mitologema do mitologema
Tudo é força do vento (macho)
E da ventania (fêmea).”
“Murilograma a Hölderlin”

Boris Schnaiderman também já havia citado o poeta Murilo Mendes nesta relação com a obra de Bakhtin e dá este exemplo de *A Idade do Serrote*, seu livro de memórias. No capítulo “Belmiro Braga”, referindo-se sobre esse também poeta mineiro, que foi seu iniciador em poesia, Murilo “começa com dois decassílabos perfeitos: “Lá vem o volantim Belmiro Braga sorrindo no seu terno de xadrez”, que poderiam ser o início de um soneto, bem no espírito daquela poesia ora cotidiana e doméstica, ora maliciosa, brejeira, chegando às vezes à sátira, que se desenvolveu no Brasil no início do século, bastante diferente da linha coloquial-irônica, que a crítica detectou no simbolismo.” (SHNAIDERMAN, 2018, p. 171).

Conclusão “inconclusa”

Portanto, chegamos ao que não se conclui: seja neste pequeno artigo, beirando resenha ou ensaio informal, assim como Cristovão Tezza no seu livro/tese tomado como referência prima, confirmamos que a obra de Mikhail Bakhtin continua aberta, múltipla e em contínuo desafio. Sua compreensão da linguagem poética não deixa de nos oferecer uma visão renovada para pensar e situar também a poesia nos dias de hoje.

Por isso que, ao aventar “a hipótese de Bakhtin”, Tezza fecha sua tese. Retomo aqui a figura do Jano bifronte. O dialogismo não se restringe ao diálogo face a face, mas a todo enunciado no processo de comunicação manifestado em diferentes dimensões. Cultura e vida se interpenetram. Tezza, o acadêmico, fez uma crítica bem adequada. Essa de tomar o romance polifônico como moldura, sem considerar o fundamento bakhtiniano de um “novo modo de olhar, mais abrangente, completo e democrático que o olhar tradicional, monológico.”

Nas **Considerações Finais**, Cristovão Tezza afirma e duvida: “A hipótese de Bakhtin, *quem sabe*, ao dessacralizar o império das formas, ao recusar a unilateralidade abstrata do sinal como índice do signo poético e se concentrar nas relações e nas tensões das visões de mundo, nos multifacetados centros de valor que se realizam nas palavras, abre caminho para uma compreensão diferenciada da linguagem poética. *Talvez* para realizar a sua utopia teórica, o sonho de ultrapassar o breve abismo entre a esterilidade da abstração formal, fora da história e sem sujeito, e a vida concreta, povoada, caótica, única e irrepitível da palavra – o segredo está em não perder de vista nem uma das pontas dessa passagem.” (TEZZA, 2003, p. 288). Observação: o itálico em destaque é meu, a fim de realçar o caráter hipotético e inconcluso.

Sem dúvidas, esta “passagem”, o discutir das fronteiras entre prosa e poesia ainda vai continuar... O próprio formalismo russo, a compreensão de seu arcabouço teórico que desembocou em tantos *ismos* teóricos e filosóficos no século XX também passam por ressignificações, assim como está sendo o próprio Bakhtin e o Círculo de Bakhtin, na proposição básica do diálogo até neste outro signo que não se fecha longitudinalmente. Hoje, podemos afirmar, jamais monológica, a poesia está no mundo como construção de significados, “na expectativa do discurso alheio”.

O que pude também constatar: uma desconstrução dos clichês sobre a obra de M. Bakhtin e alertas importantes para entender o conjunto diacrônico de sua obra. Inclusive de certo uso simplificador e abusivo das ideias centrais de Bakhtin. Retomando minha responsividade nesta limitada apresentação, destaco a importância da continuidade de estudos e análises da obra de Bakhtin em sua evolução de décadas, dialogando com ele mesmo.

Eu, que me propus a dialogar com a obra de Tezza que, por sua vez, se propôs a dialogar com a obra de M. Bakhtin, entrelaçando pessoalmente memórias e referências,

me abro também ao diálogo em constante aprendizagem... Nos limites e limitações deste texto, também me coloco neste papel responsivo.

Referências

BEZERRA, Paulo. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro, Editora Forense, 1981.

BAKHTINE, M. **La poétique de Dostoievski**. Paris: Éditions du Seuil, 1970. 350p.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento – o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec/UnB, 1987. 419 p.

_____, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017, 160 p.

_____, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981. 239 p.

MOREIRA, E. **Murilo Mendes: uma representação operacionalizada**. Monografia (Mestrado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1982. 149 p.

SCHNAIDERMAN, Boris; MOREIRA, Elisabet G. **Os relâmpagos de Murilo Mendes**. In: *Língua e literatura*, São Paulo, n. 5, p. 433-442, 1976.

SCHNAIDERMAN, B. Prefácio – in **Teoria da Literatura – formalistas russos**. Eikhenbaum e outros. Organização de Dionísio de Oliveira Toledo. Porto Alegre: Globo, 1970. 280 p.

SCHNAIDERMAN, B. (2018). Bakhtin e a literatura brasileira. Abordando a obra de Murilo Mendes. In: *Literatura E Sociedade*, 23 (26), p. 167-172. 2018. <https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/148524/142161>. Acesso em: 23 de apr. 2021.

SOUZA, Geraldo Tadeu. Boris Schnaiderman e Mikahil M. Bakhtin. In: **Bakhtiniana - Rev. Estud. Discurso**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 233-247, Dec. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/jbpRgDN94b8yn3jFWHKByML/?lang=pt>. Acesso em: 23 apr. 2021.

TEZZA, C. **Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. 319 p.